

**ELEMENTOS
PARA O ESTUDO
DA FAMÍLIA LÉXICA
DE *FODER* À LUZ
DA SEMÂNTICA
COGNITIVA
SÓCIO-HISTÓRICA**

**ELEMENTOS PARA EL ESTUDIO DE LA FAMÍLIA LÉXICA DE *JODER* A LA LUZ DE LA
SEMÂNTICA COGNITIVA SOCIOHISTÓRICA**

**ELEMENTS TO THE STUDY OF THE LEXICAL FAMILY OF *FODER* BASED ON
SOCIOHISTORICAL COGNITIVE SEMANTICS**

A. Ariadne Domingues Almeida*

Universidade Federal da Bahia

Natival Almeida Simões Neto**

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO: Apresentam-se resultados de um estudo que objetivou compreender como dimensões da linguagem atuam na geração da família derivativa formada a partir da categoria *foder*. O estudo norteou-se por pressupostos da Linguística Cognitiva e da Linguística Histórica, realizou discussões interdisciplinares, a partir dos aportes da Semântica Cognitiva Sócio-histórica e, também, da Teoria da Complexidade, de modo que dialogou com autores como Booij (2017), Capra (1996) e Mattos e Silva (2008). No tocante à metodologia, o estudo foi desenvolvido através da abordagem qualitativa do corpus, formado por posts do Twitter, teve natureza exploratória, descritiva, interpretativa, histórica, comparativa e buscou compreender as ocorrências do corpus no contexto de uso, já que procurou descrever e entender seu uso e funcionamento. Concluído o trabalho, constatou-se que as novas categorias criadas com $[[FODER]_V X]_Y$ podem ser polissêmicas e autoantonímicas e que a seleção metonímica atua na criação desse léxico.

PALAVRAS-CHAVE: Foder. Derivação. Interdisciplinaridade. Semântica cognitiva sócio-histórica.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2007). É Professora Associada da Universidade Federal da Bahia e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, dessa mesma instituição. E-mail: ada.domingues@gmail.com.

** Doutor em Língua e Cultura (Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (2020). É Professor Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, dessa mesma instituição. E-mail: nativalneto@gmail.com.

RESUMEN: Se presentan los resultados de una investigación que tuvo como objetivo comprender cómo actúan las dimensiones del lenguaje en la generación de la familia léxica formada a partir de la categoría *joder*. El estudio siguió fundamentos teóricos de la Lingüística Cognitiva y la Lingüística Histórica, realizó discusiones interdisciplinarias, basadas en las contribuciones de la Semántica Cognitiva sociohistórica y también la Teoría de la Complejidad, de modo que dialogó con autores como Booij (2017), Capra (1996) y Mattos y Silva (2008). Con relación a la metodología, el estudio se desarrolló a través del enfoque cualitativo del corpus, formado por publicaciones de Twitter, tuvo una naturaleza exploratoria, descriptiva, interpretativa, histórica, comparativa y buscó comprender las ocurrencias del corpus en el contexto de uso, ya que se buscó describir y comprender su uso y funcionamiento. Finalizada la investigación, se encontró que las nuevas categorías creadas con [[FODER]V X]Y pueden ser polisémicas y autoantonímicas y que la selección metonímica actúa en la creación de este léxico.

PALABRAS CLAVE: *Joder*. Derivación. Interdisciplinariedad. Semántica cognitiva socio histórica.

ABSTRACT: This work presents the results of a study that aimed to understand how dimensions of language act in the generation of the derivative family formed from the category *foder* [fuck], a polysemic and self-antonymic category. The study was guided by assumptions from both Cognitive Linguistics and Historical Linguistics, seeking to carry out interdisciplinary discussions based on the contributions of Sociohistorical Cognitive Semantics and Complexity Theory, in such a way that it dialogues with authors like Booij (2010, 2017), Capra (1996) and Silva (2008). Regarding its methodological design, the study was developed through a qualitative approach to the corpus, which is formed by Twitter posts; it has an exploratory, descriptive, interpretative, historical, and comparative nature, and sought to understand the occurrences of the derived constructions in its context of use, as it wanted to describe and understand its use and functioning. After completing the work, it was found that the new categories created with [[FODER]V Y] can also be polysemic and self-antonymic, and that the metonymic selection of the knowledge of the speaker-writer acts in this process of creating the lexicon. The results achieved collaborate to elucidate the guiding questions of the study.

KEYWORDS: *Foder*. Derivation. Interdisciplinarity. Sociohistorical cognitive semantics.

1 UM COMEÇO PARA CONSTRUIR UM FIM

Apresentam-se, neste texto, resultados de um estudo que primou por compreender como dimensões constituintes da linguagem atuam na geração de uma família fono¹-morfo-léxico-semântico-pragmático-discursiva, nomeadamente, da família formada a partir da categoria *foder* (*foda*, *fodelença*, *foderoso* etc.), de tal sorte que buscou entender inter-relações entre sistemas da linguagem em seu funcionamento no discurso cotidiano.

Para a realização do estudo empreendido, foram travados diálogos entre a Linguística Cognitiva (LC) e a Linguística Histórica (LH), de modo que sua natureza é interdisciplinar, norteando-se, particularmente, pelos aportes da Semântica Cognitiva-sócio-histórica (SCSH), que, por sua parte, é uma área do conhecimento que emergiu do entrelaçamento teórico-metodológico desses dois campos do saber e que deu seus primeiros frutos nos anos 1990, com a publicação pioneira de Geeraerts (1997); ainda no âmbito da LC, o estudo recorreu ao aporte teórico da Morfologia Construcional (MC), procurando pensar nas contribuições desse campo da morfologia para a SCSH.

Tendo por base essas perspectivas teóricas, a linguagem foi vista através da lente da LC, especificamente, da SCSH e da MC, e da LH, mas, indo além, o estudo buscou, também, amparo na Teoria da Complexidade (TC), considerando seus contributos epistemológicos, apontados em resultados apresentados por autores, como Paiva (2016), Paiva e Corrêa (2016) e Almeida (2018c); esses diálogos foram travados a fim de alcançar uma compreensão mais aproximada da geração do funcionamento da linguagem nos usos do dia a dia, buscando compreendê-la como um complexo de dimensões que compreendem a teia da vida humana.

Para chegar à definição do objeto de estudo, foi verificada uma lacuna existente no conhecimento acerca do comportamento da referida família derivativa, de suas respectivas redes de significação em relação a *foder* – de onde, em tese, foi gerada.

¹ Esta categoria compreende variações fonéticas, de modo que, no português do Brasil, [f]oder, [u]der são realizações possíveis nos diferentes discursos, porém, embora tenha implicações na construção do significado social e estilístico, a dimensão fonética não será abordada neste artigo.

Consideraram-se, inicialmente, estudos de natureza etimológica, assim como pesquisas que apontam para as inovações identificadas no comportamento de itens da categoria sexualidade (ALMEIDA, 2016) e, particularmente, de *foder* (SANTOS; LINS, 2016), pois alguns itens dessa categoria passam por reconceptualizações-recategorizações, sendo lançados pelos conceptualizadores-categorizadores em outras categorias diferentes dessa, a exemplo de *palavrão* e *qualificador*, ampliando, assim, suas respectivas redes semasiológicas, gerando polissemia, inclusive, autoantonímia (isto é, categorias léxicas polissêmicas em que se verifica oposição entre sentidos que lhes são atribuídos), bem como produzindo uma franca relação de sinonímia, estendendo, consideravelmente, sua rede onomasiológica.

Tendo conhecimento dessas mudanças e variações, procurou-se saber: quais são os derivados de *foder*? Quais são as extensões morfo-léxico-semântico-pragmático-discursivas geradoras dessas novas categorias? Quais projeções sócio-histórico-culturais-ideológicas acham-se envolvidas na criação dessas categorias? Essas são as questões que norteiam as reflexões apresentadas ao longo das seções deste texto, que busca trazer uma contribuição, em parte original, para elucidá-las, embora não tenha como respondê-las, aqui, na integridade.

Para expor os resultados alcançados com o trabalho empreendido, este artigo, além desta *Introdução*, acha-se dividido em três seções. Na primeira parte, tecem-se considerações a respeito do aparato teórico que alicerçou o estudo. Na segunda, apresenta-se a metodologia que perpassou toda sua constituição. A terceira subdivide-se em três partes: na primeira subseção, são dadas notas sobre o conhecimento etimológico acerca da categoria *foder* e, na segunda, são, também, dadas notas sobre a história desta categoria, mas, enfocando seus usos no tempo presente, enquanto, na terceira, estabelecem-se diálogos entre teoria e corpus, a fim de compreender como foram gerados os seguintes derivados: *foda*, *fodinha*, *fodão*, *fodona*, *foderoso*, *fedelança*, *fodião*, *fodástico* e *Fodêncio*. Somam-se às discussões, ainda, as *Considerações Finais*, além das *Referências* utilizadas para entrelaçar os fios da construção teórica-metodológica-analítica do estudo apresentado neste artigo.

2 ALICERCE TEÓRICO PARA A CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

Por vezes, como observa Batoréo (2000), a LC é compreendida como Semântica Cognitiva (SC), isto porque a LC é semantocêntrica, de modo a tratar o fenômeno linguageiro a partir da significação. Então, fazer estudos sobre a linguagem é fazer, também, semântica, compreendendo que o sistema semântico é tecido conjuntamente com os outros sistemas da linguagem, assim como os demais sistemas da linguagem são tecidos em conjunto com o semântico. Conceber a linguagem como um sistema de sistemas sem níveis e hierarquias implica buscar compreender as inter-relações que se estabelecem entre esses sistemas nos diferentes jogos da comunicação humana, a fim de (re)tecer suas tramas e, por conseguinte, a urdidura do significado, dimensão que possibilita à espécie humana criar o mundo e agir nesse mesmo mundo, nos diferentes contextos e situações criados, discursivamente, em espaços, tempo, histórias e culturas distintas.

A LC é, então, entendida como SC, em diversos contextos, e, como demonstra Almeida (2020a), a SC fez-se SCSH quando encontrou a LH, que, por sua parte, possui natureza sócio-histórica², já que tem se debruçado sobre as diferentes dimensões sociais e temporalidades que se impõem à geração e ao funcionamento da linguagem.

A SCSH, sendo cognitiva, assumiu da LC-SC o entendimento de ser a cognição humana situada; assim sendo, esse novo campo do saber viabiliza um entendimento mais aproximado do que ocorre com a mente corporificada, em sua inter-relação com as dimensões geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicas, em plena interconexão entre o físico e o psíquico, entre o mundo interior e o exterior, entre o indivíduo e a sociedade, na simbiose presente-passado-futuro, de modo que tem gerado producentes contributos para a compreensão do funcionamento da linguagem em uso.

Fazer SCSH é ver a linguagem como um fenômeno que emerge das experiências sensorio-motoras da humanidade, assim como das suas vivências geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicas, compreendendo-a como uma teia constituída por dimensões

² Observa-se que é possível fazer LH diacrônica em perspectiva associada, conforme destaca Mattos e Silva (2008), sem recorrer às dimensões sócio-históricas que se entrelaçam ao fenômeno linguageiro.

que se conectam para fazer emergir, em cada interação, a realidade da espécie em seus diversos mundos, em meio à unidade-diversidade que a humanidade, em sua existência, implica. Então, para a SCSH, o sistema linguageiro é parte integrada da cognição humana e se encontra em inter-relação com as demais capacidades cognitivas da espécie, achando-se, portanto, em constante equilíbrio instável, tendendo para a mudança, em estado de ordem-desordem, conforme o princípio dialógico da Teoria da Complexidade. E como observa Teixeira (2004, p. 192),

Nesta visão, uma língua poderá ser vista como tendendo a desestruturar-se em estruturas. Só que no processo de desestruturação se reorganiza constantemente, estabelecendo um equilíbrio entre instabilidade e estabilidade, tal como acontece (ao que parece, segundo a Teoria do Caos) em todo o universo.

O entendimento da SCSH de a linguagem se encontrar em permanente equilíbrio caótico advém, portanto, do paradigma da Complexidade. Com base nesse paradigma, a linguagem é entendida como um sistema complexo de sistemas, adaptativo, aberto, dinâmico, auto-organizável, não-linear, e, como aqui já assinalado, longe do equilíbrio (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; PAIVA, 2016; ALMEIDA, 2020b, 2018c; 2020). Por ser um tecido junto, isto é, um complexo, a linguagem é urdida pela interconexão dos sistemas antro-pio-bio-psico-cognitivos e geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicos; esses sistemas complexos encontram-se interação, influenciando-se mutuamente, de modo a interconectar os distintos sistemas constituintes da vida humana; então, na trama da linguagem, há sistemas formados por sistemas que se aninham em sistemas (CAPRA, 2006 [1996]).

A linguagem é adaptativa e essa adaptação ocorre a partir de usos resultantes das diferentes interações da espécie. Dos usos do passado, resultam os usos do presente e, também, os do futuro, não havendo fronteiras rígidas entre as distintas temporalidades. Além disso, é um sistema dinâmico, constituído de elementos variáveis e mutantes, encontrando-se, por isso, em constante mutação, porque é adaptável aos diferentes contextos de uso e aberto para interagir com os demais sistemas da vida humana. Assim sendo, a adaptação, sendo um processo de mudança, é possível pela abertura do sistema linguageiro e dos seus sistemas constituintes a outros sistemas da vida humana (LEFFA, 2016).

Então, como assinala Almeida (2018c), a linguagem é um sistema adaptativo e aberto, pois muda, por meio da troca de energia com outros sistemas que lhes são exógenos, mas que se acham em simbiose, entendendo que, sendo a mente corporificada, não há limites estanques entre o intra e o extralinguístico, pois ambientes humano – individual e social – e, inclusive, não-humano interagem, modificando-se mutuamente.

A linguagem pode sentir as influências dos sistemas geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicos, de modo a transformar-se por interferências ditas externas, mas também pela sua própria disponibilidade para mudança, já que é um sistema auto-organizável, bem como não linear, visto que efeitos ou emergências não são necessariamente proporcionais às suas causas, como observa Paiva (2016).

Expressa a compreensão do que se entende por linguagem em SCSH, resta assinalar que o primo objeto desse campo do conhecimento é, em última instância, o significado, entendido como em LC, isto é, como conceptualização, portanto como resultado da compreensão humana gerada em seus espaços de interação com o mundo e com os seus mais diferentes agentes. Vale observar que a área traz, no bojo da sua compreensão acerca do significado, aspectos suscitados pelo historicismo da Linguística Oitocentista, isto é, o viés psicológico, dinâmico, criativo e ancorado no tempo da significação, perspectivas, inclusive, adotadas pela LC, como assinalam Almeida e Santos (2019).

No fenômeno de conceptualização³, enfim, acham-se a experiência perceptiva, a atividade motora e as sensações cinestésicas humanas (LANGACKER, 2007), de modo que esse fenômeno é considerado, na abordagem conceptualista, uma integração entre

³ Conceptualization is always the conceptualization of something, a facet of either the real world we inhabit or a constructed world ultimately grounded in real world experience. Conceptualization is precisely the act of *engaging* the world, the experiential aspect of our interaction with it. Broadly understood, conceptualization includes perceptual experience, as well as the central control motor activity and the kinesthetic sensations it induces. It further includes the interlocutors' apprehension of the discourse and the interactive context supporting it. (LANGACKER, 2007, p. 431). Em português, tradução nossa: "A

significado, mente e corpo, enfim, uma experiência antropto-bio-psíquica-geo-sócio-histórica-cultural-política-ideológica da vida. A espécie humana, conforme Croft e Cruse (2008), conceptualiza experiências vivenciadas, a partir de uma dada perspectiva individual e coletiva que pode se pautar em crenças, em valores, em atitudes, em modos de sentir, de perceber, de se movimentar, gerando os significados em contextos, logo, acessando, para essa geração dos sentidos, os saberes linguístico-enciclopédicos dos conceptualizadores.

Ao conceptualizar, o ser humano, também, categoriza, quase sempre de modo inconsciente e automático, organizando suas experiências em categorias, de sorte que, nas mais diversas interações das quais participa, organiza e reorganiza on-line o mundo que cria, conforme semelhanças de família e, também, por meio de diferenças percebidas. Então, ao conceptualizar e também ao categorizar, o ser humano elabora seu mundo, a partir da sua percepção tanto do que lhe é próprio, quanto do que existe independente dele, criando, então, sua realidade, de modo a dar sentido a vida e a possibilitar sua ação no mundo, na e pela linguagem. Assim sendo, a linguagem é, também, o meio e o resultado desses fenômenos, é produto e efeito ao mesmo tempo em que é produtora e causadora do mundo que produz por meio da cognição, conforme o Princípio do Circuito Recursivo da Complexidade (MORIN, 2009).

As metáforas e as metonímias, por sua vez, são mecanismos cognitivos humanos que se acham nas ações de conceptualizar e de categorizar. De um lado, a metáfora é mecanismo cognitivo que permite experienciar uma coisa em termos de outra (LAKOFF; JONHSON, 1980). De outro, a metonímia é um mecanismo que possibilita conceptualizar uma coisa por meio de sua relação com outra (LAKOFF; TURNER, 1989). Esses mecanismos e ações são geradores de mudanças e de variações na linguagem. Metáforas e metonímias, em SCSH, são, portanto, concebidas como ferramentas da cognição e são responsáveis pelo desenvolvimento do sistema linguageiro, não se limitando ao texto literário, nem ao léxico da linguagem; são empregadas pelas pessoas-falantes(-escreventes), muitas vezes, de modo inconsciente e atuam na construção do conhecimento humano.

No tocante ao traçado teórico-metodológico, como já observado, os estudos da linguagem, em SCSH, ocorrem através de uma perspectiva pancrônica, procurando ultrapassar a oposição sincronia x diacronia, atentando para discussões já nascidas no seio da LH e, também, presentes na LC. E, considerando que textos datados e localizados são textos históricos, entende-se, então, que, independentemente da época em que foram escritos, podem servir como base para a realização de estudos da linguagem em perspectiva sócio-histórico-cultural, já que só olhando para passado-presente-futuro como uma rede de temporalidades e não como uma linha contínua no tempo será possível alcançar um conhecimento mais aproximado das relações que se estabelecem entre linguagens, sociedades, culturas e flecha do tempo (aciona-se, aqui, a metáfora de Ilya Prigogine (1996) para ratificar a importância do tempo na ciência).

E como postulam a LH e a LC, a SCSH concebe que os estudos atinentes à linguagem devem basear-se em usos reais, que circulem, cotidianamente, nos espaços das diferentes sociedades, culturas e que se estampem em variados textos de domínios discursivos distintos, não se restringindo, inclusive, ao que é falado e/ou é escrito, mas também voltando-se para os multimodais. Assim, os resultados das pesquisas, nessa área, são construídos a partir de usos cotidianos da linguagem, feitos por distintas pessoas em diversas situações de interação, não se limitando ao verbal, ainda que, aqui neste texto, sejam apresentados resultados de um estudo feito, exclusivamente, a partir de um corpus verbal escrito.

Além disso, no estudo do corpus, são levados em consideração os conhecimentos linguístico e enciclopédico das pessoas conceptualizadoras-categorizadoras para a construção do significado, bem como é observado o fato de ser o conhecimento elaborado a respeito desse fenômeno, tal como observaram Maturana (2001) e Morin (2009), uma tradução feita pelos pesquisadores dos usos linguageiros enfocados.

Apresentada a base teórica que alicerça o trabalho realizado, passa-se a expor o desenho metodológico que lhe deu sustentação.

conceptualização é sempre a conceptualização de algo, uma faceta do mundo real em que vivemos ou, em última análise, de um mundo construído e fundamentado a partir da experiência no mundo real. A conceptualização é precisamente o ato de engajar o mundo e o aspecto experiencial de nossa interação com ele. Abordada de forma ampla, a conceptualização inclui a experiência perceptual, bem como a atividade motora de controle central e as sensações sinestésicas a que ela induz. Além disso, inclui a apreensão que os interlocutores fazem do discurso e do contexto interativo que servem de suporte.”

3 PERCURSO METODOLÓGICO PARA CONSTRUIR OS RESULTADOS

Inicialmente, para o desenvolvimento do estudo, partiu-se do conhecimento prévio dos pesquisadores em relação às categorias, e, considerando a existência dos derivados, tendo acesso aos usos, o corpus foi sendo constituído por posts feitos no Twitter⁴ e, ao mesmo tempo em que as novas categorias derivativas foram sendo identificadas, foram estudadas, tendo sido utilizada a abordagem qualitativa para a realização do trabalho empreendido. A pesquisa feita buscou descrever, interpretar e compreender as ocorrências dessas categorias no contexto, a partir da comparação dos seus usos nesses textos datados e localizados. Assim sendo, a pesquisa foi exploratória, além de descritiva, bem como teve natureza histórica e comparativa.

Para a apresentação dos resultados, o material textual foi assim organizado: 1) numeraram-se os exemplos em ordem crescente e em algarismo arábico; 2) colocaram-se em itálico as construções estudadas; 3) entre parênteses, foram postas as referências das postagens constituintes do corpus. Além disso, a ortografia, a pontuação e a acentuação utilizadas nas postagens no Twitter foram conservadas, ainda que apresentassem equívocos atinentes ao uso da escrita mais monitorada do português.

Dito isto, expõem-se, a seguir, os resultados do estudo.

4 ELEMENTOS PARA CONSTRUIR A HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA DERIVATIVA: DE *FODER* A *FODÃO*, *FODINHA*, *FODÁSTICO*...

Na seção aqui principiada, buscam-se elementos para compreender a constituição histórica da família derivativa em pauta; essa seção subdivide-se em duas subseções; na primeira parte, apresentam-se reflexões a propósito da categoria *foder*, tecendo algumas breves considerações sobre sua história no latim peninsular ibérico e sobre sua dicionarização. Depois, na segunda, são feitas algumas considerações a respeito da sua utilização na rede mundial de computadores e, também, como na subseção anterior, é abordada a dicionarização dos seus usos, mas com enfoque na história do tempo presente. Essa discussão é feita, com a finalidade de abordar a sua polissemia que justifica a geração das novas categorias derivadas, conforme ficará demonstrado na sequência.

4.1 NOTAS ETIMOLÓGICAS PARA UMA RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DA CATEGORIA *FODER*

A semântica da categoria *foder* expressa a elasticidade e a estabilidade do significado, isto é, o equilíbrio instável da linguagem, como postula a SCSH, baseando-se em pressupostos da TC; isto porque demonstra que um sentido etimológico pode manter-se, no devir de séculos, até mesmo, de milênios, de forma a evidenciar que uma linguagem pode originar outra e que significados, de uma para outra, podem se manter, apesar de profundas mutações geo-sócio-histórica-cultural-política-ideológicas vivenciadas pelas pessoas-conceitualizadoras-categorizadoras falantes dessa linguagem e da sua própria tendência à entropia.

Sobre a história dessa categoria, estudiosos da etimologia, da lexicologia e da semântica histórica divergem quanto ao seu étimo e, ainda que todos apostem em uma origem latina, são encontradas pelo menos três propostas etimológicas.

A primeira leitura, aqui exposta, é a de Ariza (2008), no livro *Insulte usted sabiendo lo que dice y otros estudios sobre el léxico*. O filólogo espanhol sugeriu que a etimologia do correspondente castelhano *joder* pertenceria à mesma família etimológica-derivativa de *foedus*, que significa *feito* em latim. Assim, a associação de *joder/foder* a *foedus/feito* incidirá na categorização do ato sexual como uma experiência moralmente suja e condenável. Ariza (2008) contextualiza essa associação, com a explicação de que ela teria se dado no período medieval hispânico em que a Igreja Católica exercia grande poder. Dessa maneira, a categorização negativa no emprego do verbo *foder* poderia ser explicada por essa associação morfo-semântico-pragmático-etimológica, além de geo-sócio-histórica-cultural-ideológica e bio-psíquico-cognitiva.

⁴ Trata-se de uma rede social e de um servidor para *microblogging* que possibilita aos seus usuários enviarem e receberem tweets que são textos de até 280 caracteres.

Uma segunda leitura, cuja autoria da proposta etimológica é desconhecida, foi vista no texto *A origem da foda*, de Ernani Terra (2018). Na compreensão desse autor, a origem do verbo português *foder* estaria ligada à do verbo latino *fodio*, *fodis*, *fodere*, *fodi*, *fossim* “cujo sentido é de cavar, escavar, ou seja, abrir uma cavidade, revolver algo com instrumento para produzir um buraco” (TERRA, 2018, p.1). É da forma do supino latino *fossim* que derivam as formas *fosso* e *fossa* do português. Nessa leitura, teria havido um mapeamento metafórico em que a experiência da ação sexual foi compreendida por meio da experiência da escavação.

A terceira leitura etimológica de *foder* foi vista no Corominas e Pascual (1984); na obra, é indicado que esse item do léxico vem do latim, *futuere*, com o significado de praticar o coito. Esse entendimento é ratificado pelo dicionário de Houaiss e Villar (2009), no qual, é dito que *foder* teria vindo do latim *fotuere/futuere*. Segundo Bueno (1968), *fotuere/futuere* significava, em latim, ‘copular’; ‘manter relações sexuais’. Faria (1994), por sua vez, sugere o significado ‘manter relações sexuais com uma mulher’. Sobre essas paráfrases definitórias, quaisquer que sejam as problematizações que possam suscitar, é notável que o sentido sexual da categoria já estivesse presente na língua latina.

No estudo realizado, acatou-se a terceira proposta etimológica, entendendo que esse sentido atrelado à ação da cópula, identificado no Império Romano, chegou, com o alvorecer do Império Português, à colônia americana, mantendo-se, com o adentrar dos anos até os dias hodiernos com vitalidade e produtividade. Assim sendo, embora categorizar um étimo como (im)provável, (im)possível ou (in)viável seja uma atividade que foge ao escopo deste trabalho, na necessidade de se fazer uma escolha, optou-se aqui pela terceira proposta, cujo significado já está associado à ideia de copular, propriedade semântica que se manteve nos desenvolvimentos em várias línguas românicas, incluindo o português. Não se deixa de reconhecer que os significados identificados, advindos das diferentes propostas etimológicas, possam ter se relacionado no fluxo histórico da língua. Porém, o fato de os significados na primeira e na segunda proposta não serem mais verificados na rede semasiológica de *foder* no português faz com que se opte pela terceira via. Além disso, essa última proposta foi acolhida pela maior parte dos estudos de natureza etimológica consultada, conforme aqui anteriormente demonstrado, o que coaduna com o posicionamento aqui adotado, ratificando a conclusão de ser essa origem a mais adequada.

Feito este breve apanhado sobre o surgimento histórico da categoria, na sequência, serão observados seus usos, bem como sua dicionarização na atualidade, conforme já assinalado.

4.2 NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CATEGORIA *FODER* NO TEMPO PRESENTE

Para exemplificar a vitalidade e a produtividade da categoria destacada, foi feita uma consulta ao *Google*, em 03.07.2016, que revelou, aproximadamente, 11.200.000 resultados, em 0,37 segundos, para a busca por *foder*. A consulta foi repetida, em 26.12.2019, e apresentou, aproximadamente, 32.200.000 resultados, em 0,41 segundos. E, em apenas quase cinco meses depois da procura feita no final do ano de 2019, em 16.05.2020, uma nova busca por esse item ao mesmo motor da internet trouxe 82.300.000 resultados (0,33 segundos). Embora esses números expressem, apenas, valores quantitativos, sem um tratamento qualitativo dos usos apontados, são instigantes, porque indicam uma ampla utilização, demonstrando um significativo emprego crescente que pode favorecer o surgimento de mutações e de variações, como as que são aqui abordadas.

E ainda que se trate, inicialmente, de uma categoria inter-relacionada à categoria *ação sexual* e que, por conseguinte, tenha sofrido e continue a sofrer preconceitos, tendo, não poucas vezes, seu uso cerceado ou restrito a situações de informalidade, de intimidade, lançada, inclusive, na categoria *tabuísmo*, manteve o chamando significado etimológico, embora tenham ocorrido significativas modificações na sua rede semasiológica, o que é possível, como já explicitado na discussão teórica antes exposta, pelo fato de a linguagem ser um sistema adaptativo complexo aberto, apresentando um equilíbrio instável, portanto possibilitando manter o sentido etimológico e, ao mesmo tempo, ampliar a rede de significação. Enfim, devido às mudanças em sua semasiologia, essa categoria léxico-morfológica não se limitou a usos de alcova ou de botequins, de sorte que, com o tempo, aumentou seus espaços de uso semântico-pragmático-discursivos.

As mudanças e variações ocasionadas em sua semasiologia estão no cerne da geração de novas categorias. Para conhecer essa rede semasiológica, os dicionários são uma opção, pois registram paráfrases dos sentidos identificados em corpora utilizados por uma

equipe lexicográfica. Os dicionários apresentam o lema *foder* como um verbo polissêmico, ou seja, como um elemento linguístico com dois ou mais significados. No verbete do Houaiss (2016), expõem-se três paráfrases definitórias:

foder

verbo (sXIII) tab.

- 1 (t.d.,t.i.int.) [prep.: com] m.q. copular ('ter relação')
- 2 (t.d.,t.i. e pron.) [prep.: com, em] fig. B causar mal a ou sair-se mal; arruinar(-se), desgraçar(-se)
 ‹ f. (com) a reputação de alguém › ‹ f.-se em uma prova ›
- 3 (pron.) B não dar importância, não fazer caso [...] ⁵.

Já na microestrutura do Aulete (2016), oferecem-se duas acepções:

(fo.der)

v.

1. Tabu. Ter relação sexual com; COPULAR [tr. + com] [td.]
2. Bras. Fig. Provocar(-se) dano em ou dar-se mal; ARRUINAR(-SE) [td.] [tr. + com] [int.]
 [NOTA.: Foda(m)-se! / (Quero) que se foda(m)! Expressam irritação, desprezo, desistência ou desejo de que algo ou alguém não seja bem-sucedido.] ⁶.

O Michaëlis (2016), por sua parte, traz três acepções, em seu verbete, que são parelhas às aduzidas pelo Houaiss (2016) e pelo Aulete (2016), porém, oferece maior informação sinonímica:

foder

fo-der

VULG

vtd, vti e vint

1 Manter relações sexuais; copular, meter, pingolar, trepar: “O mais baixo não quis dançar. Quero foder você, rosnou: pra que essa frescura toda?” (CFA). “Aprendi que, se eu der detalhe, você vai sacar que tenho grana, e se eu tenho grana você vai querer foder comigo só porque eu tenho grana” (CFA). “O Mestre da Justiça era como teu pai: um rico patriarca, homem poderoso, mas devasso. Fodia adoidado, maltratava a gente de sua tribo” (MS).

vtd, vti e vpr

2 FIG Causar mal a ou sair-se mal; arruinar(-se), danar(-se), prejudicar(-se): Ele fodeu o colega, não colocando o nome dele no trabalho. Para salvar sua pele, ele fodeu com todos do grupo. Queria entregar o colega e se fodeu.

vti e vpr.

3 Não se importar com; não dar atenção a, não ligar: Estou fodendo para o que eles pensam. O rapaz diz que se fode para as regras do condomínio. [...] ⁷

Sobre esses verbetes, a ausência de uma acepção deve ser posta em destaque, especificamente, aquela atinente a uma conceptualização positiva e criadora de novas categorizações⁸. Os dicionários omitem, assim, sentidos, talvez, mais recentes, isto atentando-se para o fato de a polissemia constituída pelos sentidos ‘ação sexual’ e ‘causar-dar-se mal’ já ocorrer em textos satírico-poéticos galego-portugueses (ALMEIDA, 2018a); assim sendo, os dicionários consultados não expressam novos usos que

⁵ Em consulta feita em 26 de dez. de 2019, verificou-se que, ainda, são as mesmas as paráfrases definitórias apresentadas no Houaiss (2019).

⁶ Em consulta feita em 26 de dez. de 2019, constatou-se que são as mesmas definições expostas no Aulete (2019).

⁷ Também, o dicionário Michaelis (2019) conserva as acepções e abonações e exemplos de 2016.

⁸ Sobre esses usos semânticos positivos, Santos e Lins (2016, p. 68) destacam que “[...] o item léxico *foder* é utilizado “não só com o valor semântico negativo, mas também com um sentido apreciativo, amelhorativo”. Conforme as referidas autoras, esse item léxico é empregado com o sentido periférico ‘gerar benefício’ (SANTOS; LINS, 2016).

circulam, socialmente, hoje, na variedade do português brasileiro, nem revelam, de modo mais amplo, outra característica do significado, sua elasticidade, constituída na dinâmica do tempo.

Esse comportamento não é exclusivo dessas obras lexicográficas, como revelou o estudo de Santos e Lins (2016), de sorte que, ao apresentarem as definições constantes dos dicionários organizados por Bueno (1968), por Ferreira (2009) e por Bechara (2011), essas autoras relatam a ausência, também, nessas obras, desse sentido que pode ter sido criado recentemente ou, talvez até mesmo, pode pertencer a um passado não tão próximo.

Sobre os sentidos atribuídos à categoria em pauta, essas pesquisadoras assinalam que, ademais de uma compreensão físico-espacial e material, há outros entendimentos não físico-espaciais para essa categoria. Além disso, elas ponderam que as acepções desses dicionários podem expressar comportamentos e crenças atrelados a dogmas da religião ou interligados à existência de estereótipos, elaborados, socialmente, em tempos pretéritos, e, mantidos, atualmente, em simbiose com a conceptualização-categorização do *sexo* e de tudo que pode ser entendido por meio do domínio da sua experiência.

Para além desses sentidos "negativos", Santos e Lins (2016) localizaram usos com sentido "apreciativo", "melhorativo", o mesmo que, ainda, não encontrou chancela dicionarística, como aqui já pontuado, embora sejam os dicionários consultados publicados por renomadas editoras e que tenham sido organizados por equipes lexicográficas qualificadas e que o Aulete (2016) possa contar, inclusive, com a participação de usuários para sua atualização.

As autoras identificaram, também, no corpus estudado, a locução *botar pra foder*, como forma elogiosa e como um tipo de construção com certa fixidez que, na atualidade, ocorre, especialmente, entre as pessoas mais jovens. Sobre tal locução, salienta-se, ainda, que um novo sentido surge da união dessas palavras, não sendo assim a mera soma de suas partes, portanto, *botar pra foder* não se refere a nada relacionado à ação da cópula, mas sim a alguém que fez alguma coisa extraordinária, fora do comum, especialíssima ("ela botou pra foder na prova!"), ou alguém que ameaça outro alguém ("não se abra não que eu vou botar pra foder em você!"), ou alguém que faz mal a outrem ("ele botou pra foder em cima da coitada da namorada"), constituindo-se como uma emergência da linguagem que é mais e menos do que a mera soma de suas partes, como preleciona a SCSH, com base na TC.

Santos e Lins (2016) consideram que esse item léxico seria um antônimo de si próprio, compreensão a que, também, chegou Teixeira (2011), ao estudar o verbo *levantar* e seus usos, na variedade lusitana do português. Almeida (2016), por sua parte, em estudo relativo à categoria *foda* (2016), em concordância com Abid (2013) e com Silva (2006), considerou que essa categoria é autoantonímica, o que, da mesma maneira, especifica a categoria verbal *foder*, como demonstraram as citadas autoras (SANTOS; LINS, 2016).

As categorias autoantonímicas caracterizam-se por sua polissemia e por sua, simultânea, oposição. Esse fenômeno não se restringe aos itens *foder* e *foda*, de modo que outros, como *barril*⁹, na variedade do português do Brasil, especificamente, em usos feitos na cidade de Salvador, Bahia, demonstram que, em sua ontogenia, um elemento da linguagem pode participar de uma profunda oposição de sentidos¹⁰; isto, talvez, se associe a uma filogenia que, ainda, precisa ser, plenamente, estudada, para que se possa compreender o comportamento categorial dessas categorias autoantonímicas do léxico em interação com as dimensões antro-

⁹ No Dicionário Informal (2008-), *barril* é definido como: "Gíria baiana que pode significar algo perigoso, por exemplo. 1. Algo perigoso ou arriscado. 'Tr àquele lugar é barril!' 2. Algo muito difícil. 'A prova de matemática de hoje estava barril!' 4. Algo muito legal. 'A coreografia de tal música é o barril dobrado!' 3. Algo não deu/ não vai dar certo. 'A festa barriou porque não arranjamos o salão.' [...]". Usos e uma reflexão acerca desse regionalismo pode ser verificado no texto intitulado *Léo Santana traduz gíria baiana; você sabe o que é barril?*. (2018). Disponível em: Léo Santana traduz gíria baiana; você sabe o que é barril? | Altas Horas | Gshow (globo.com). Acesso em: 08 de dez. de 2020.

¹⁰ A consulta ao verbete *autoantônimo* do Houaiss (2020) remete o consulente ao verbete *contrônimo*. Nesse, além da sua definição, acham-se vários exemplos de itens léxicos e locuções compreendidas como membros dessa categoria: "palavra ou locução que engloba, em sua polissemia, sentidos antagônicos, segundo o contexto em que se encontra empr., seja dentro de uma mesma área geográfica [*alugar* 'ceder em locação (*aluguei-lhe o meu apartamento*) e 'tomar em locação' (*aluguei a sua casa em Itaipava*)], seja em áreas diversas [*dar sopa*, no Brasil 'ensejar a aproximação do sexo oposto', em Portugal '(mulher) não aceitar ser cortejada'], seja em níveis de uso diferentes [*chocante* 'que choca, abala, ofende, escandaliza' (*comportamento chocante*) e *infrim.* 'palavra-ônibus us. para referir boas qualidades' (*uma sogra chocante*)] etc.; antônimo, autoantônimo". .

bio-psíquico-cognitiva e geo-sócio-histórica-cultural-ideológica que, em simbiose, justificam a existência do fenômeno da autoantonímia na linguagem.

Tendo problematizado a questão da rede semasiológica da categoria *foder*, restou questionar como se formam morfo-léxico-semanticamente os seus chamados derivados e como funcionam nos contextos de uso pragmático-discursivo; isto porque não são essas categorias derivativas oriundas de um bloco homogêneo constituído pela forma *foder*, mas antes relações morfo-léxico-semântico-pragmático-discursivas que acionam metonimicamente vertentes da polissemia de *foder*, para criar as novas categorias derivadas.

Na próxima seção, tecem-se algumas considerações sobre a MC que se junta a SCSH, para que essa rede derivacional possa ser melhor compreendida, e, depois, apresenta-se o estudo do corpus.

4.3 DIÁLOGOS ENTRE TEORIA E CORPUS PARA CONSTRUIR OS RESULTADOS

A MC é um modelo desenvolvido pelo linguista holandês Booij (2010, 2017), em que, partindo da noção de construção defendida no modelo de Goldberg (1995, 2006), se apresentam as construções morfológicas como pareamentos de forma e função/significado. A fundamental expressão do aspecto semântico nesse modelo aproxima as formulações de Booij aos pressupostos teóricos da LC e, em consequência, da SCHC. As construções morfológicas, no âmbito da MC, são representadas por meio de esquemas construcionais, que não só dão conta de categorizar as palavras existentes às quais o falante e/ou o escrevente já foram expostos, mas também de fornecer subsídios para a interpretação e recepção de novos itens lexicais.

A MC não descarta a ideia de léxico como conhecimento mental, como já se via na hipótese gerativista. No entanto, diferencia-se desse modelo em dois aspectos. O primeiro é o enfoque maior às palavras derivadas (outputs), e não nas operações que acontecem nos inputs (palavras primitivas), como se via em Aronoff (1976). O segundo aspecto distintivo é o destaque dado às questões relacionadas com o significado. Ao propor categorizações semânticas das construções morfológicas, a MC se volta mais contundentemente para o significado do output, não investindo em uma obrigatória interpretação composicional, em que se conceba o significado da palavra-produto, a partir da soma do significado da palavra base com o significado do elemento formativo. Seja vista a seguir a representação de um esquema de construção sufixal nos termos do modelo de Booij (2010). Destaque-se a explicitação da contraparte semântica nessa formulação.

$$\langle [X_i Y]_k \leftrightarrow [\text{significado de Y em uma relação R com SEM } X_i]_k \rangle$$

Com base nesse padrão de esquema morfológico, uma palavra instanciada por ele deve herdar desse três propriedades consideradas essenciais por Booij: (i) o corpo fônico; (ii) a categoria lexical do produto (output); e (iii) as propriedades semânticas. Com o intuito de explicar o funcionamento desse esquema construcional boojiano, seja feita uma aplicação com as construções X-eir-, estudadas por Simões Neto (2016).

$$\langle [[X_i] \text{-eir-}]_S \leftrightarrow [\text{Agente profissional relacionado a SEM } X_i]_S \rangle$$

A partir do esquema relacionado às construções X-eir-, são formados substantivos que contenham o segmento fônico *-eir-* e cujo significado aponte para um agente profissional. Assim, *carteiro*, *padeiro*, *açougueiro*, *pedreiro* e *leiteiro* são construções instanciadas por esse esquema e, a partir dele, é possível formar e categorizar novos agentes profissionais, como *blogueiro* e *vlogueiro*.

Como já dito, essa representação diz respeito a um elemento formativo sufixal (*-eir-*) que se mostra recorrente no grupo de palavras. Isso não é dizer, no entanto, que a MC só se interesse por esse tipo de construção morfológica. Assim, esse formativo poderia ser, também, de natureza prefixal, como o *re*, em *refazer*, *recuar* e *retornar* (LOPES, 2016) ou, ainda, composicional, como *bolsa* em *bolsa-família*, *bolsa-escola*, *bolsa-xerox* (FARIA, 2011).

Nota-se, até aqui, que a MC não dá uma importância substancial ao significado da palavra-base (input) nessas construções. Booij (2017) considera que a palavra derivada deve herdar suas propriedades, incluindo o significado do esquema abstrato. A esse processo, em que palavras complexas derivam as informações básicas do esquema que as instancia, o autor chama de *herança padrão*. Porém, reconhece que há casos em que as palavras complexas herdam das palavras-base parte do seu significado. Esses casos seriam contemplados nos processos de *múltipla herança*.

Somente por meio da múltipla herança, o modelo da MC permite reflexões sobre uma família derivativa de palavras, como aquela que se forma a partir do verbo *foder*, estudada por Santos e Lins (2016). A partir desse verbo, forma-se *foda*, item léxico estudado por Almeida (2016). Os dois trabalhos, como já assinalado, discorrem sobre a polissemia e apontam para conceptualizações polarizadas - autoantonímias - que fazem com que o significado possa tanto ser positivo/apreciativo (“*Foda* é meu pai, que mesmo com um filho desse, consegue ser feliz”¹¹; “Ele botou, botou pra *foder* véi!. E tipo o cara é show de bola”¹²) quanto negativo/depreciativo (O *foda* de andar pelado, é que não dá pra colocar a mão no bolso”¹³; “Mas estou tentando organizar tudo pra não ser prejudicada e não me perder, não me lenhar (risadas), não me *foder*”¹⁴).

A partir da comparação entre os significados de *foder* e *foda*, pode-se admitir que a polarização semântica vista em *foda*, em tese, já estava prevista em *foder*. Mas, o mesmo pode ser dito de construções como *fodinha*, *fodão*, *foderoso*, *fodião*, *fodelança*, *fodástico* e *Fodêncio*? Vejam-se os casos coletados no Twitter:

- (01) “E não podia faltar a voz mais *foda* que esse mundo já produziu.” (E NÃO, 2016);
- (02) “a não-reciprocidade é *foda* as vezes” (A NÃO-RECIPROCIDADE, 2016);
- (03) “scracho é bem *fodinha* né, pena que eu to curtindo só agora...” (SCRACHO, 2016);
- (04) “pensando nas *fodinha* q nois ainda nao teve” (PENSANDO, 2016);
- (05) “nossa n da pra gostar de homem q quer pagar de *fodão* o tempo todo” (NOSSA, 2020);
- (06) “e outra eu nao pago de *fodona* nao filha, eu vim fazer a Paz e voce vem paga de abusadinha. Mais fazer oque ne” (E OUTRA, 2016);
- (07) “E depois (ou foi antes?), vi o clipe na MTV, extremamente *foderoso*” (E DEPOIS, 2020);
- (08) “passa um trabalho *foderoso* valendo décimos e ainda tira décimo do décimo vá se lascar viu” (PASSA, 2019);
- (09) “Nem o mínimo de empatia, que seja, o cara se esforça pra transmitir ... só faz contribuir pra *fodelança* da saúde mental, mais nada” (NEM, 2020);
- (10) “Esse tempo ta pedindo uma *fodelança* daquelas” (ESSE, 2016);
- (11) “Não era ele o *fodião* da roça e ‘comia’ todas as cabritas?! Talvez comeu um cabrito tb, não dá pra saber. O que tem de mau um adolescente se masturbar?” (NÃO ERA, 2020);
- (12) “olha a teoria daquela mulher ‘*fodiona*’ daqui do Twitter, que dizia que pra fuder bem e gostoso vc precisaria ter vários parceiros TA ERRADA” (OLHA, 2020);
- (13) “O DVD está tão *fodastico*! Vcs vão babar muito por ele. Eu tô nas nuvens” (O DVD, 2016);
- (14) “bateu uma vontade de assistir o desenho do *Fudêncio*” (BATEU, 2015);

Os exemplos (01) e (02) apresentam a polarização autoantonímica sinalizada por Almeida (2016). Em (01), *foda* é conceptualizado positivamente, ao passo que, em (02), é conceptualizado negativamente. A categoria *fodinha*, em (03) e (04), apresenta, também, significados distintos. Em (03), há uma valoração positiva, com significado similar ao de *foda*, em (01). No contexto (04), por outro lado, acessa-se à noção do ato sexual, o primeiro significado que se atesta na língua portuguesa. Em ambos os casos, nota-se que,

¹¹ Exemplo coletado por Almeida (2016).

¹² Exemplo coletado por Santana e Lins (2016).

¹³ Exemplo coletado por Almeida (2016).

¹⁴ Exemplo coletado por Santana e Lins (2016).

embora ocorra o uso do formativo *-inha*, típico formador de diminutivo, não é esse o significado que se percebe na construção *fodinha*, destacando-se um significado mais afetivo/avaliativo.

O mesmo pode ser dito de *fodão* e *fodona*, em (05) e (06), respectivamente. Em nenhum dos casos, o significado é aumentativo, mas sim de caráter avaliativo/afetivo. Nota-se que esse significado tanto é herdado da base *foder* quanto do esquema construcional que o instancia *X-ão*, em que a concatenação desse sufixo, muitas vezes, conduz para um significado apreciativo, abstratizando o significado aumentativo, que é mais concreto. Assim, em uma frase como “Mário comprou um *carrão*”, não, necessariamente, se trata de um carro grande, sendo muito mais provável que se trate de um carro bastante apreciado e isso decorre da conceptualização metafórica MAIOR É MELHOR. Daí, no caso de *fodão*, parece haver uma tendência ao significado apreciativo, previsto em *foder* e *foda*, mas também previsto no esquema construcional que o instancia. Tudo isso mostra que há muitos mecanismos de conceptualização na formação de palavras que acabam sendo não explorados na MC e que podem ser discutidos em SCSH.

Outro ponto ao qual o estudo da formação de palavras na MC deve estar atento é o contexto em que a palavra se realiza, mas não é o contexto frasal somente, e sim o contexto sociocognitivo que leve em consideração a perspectiva de quem produz a construção, como pode ser visto no par (07) e (08), com *foderoso*. Em (07), percebe-se um contexto de apreciação de um videoclipe de uma banda em que o uso de *foderoso* é feito para enfatizar a impressão positiva do conceptualizador, ao passo que, em (08), vê-se uma experiência negativa. Trata-se do ambiente escolar em que trabalhos cansativos podem ter valor (em termos de nota) aquém da expectativa dos alunos. Assim, o significado de *foderoso* está relacionado à abstratização do ato de *foder* como o ato de causar danos e prejuízos, o que pode ser visto no trabalho de Santana e Lins (2016).

Esse mesmo mecanismo de abstratização pode ser visto, em (09), com *fodelança*. Em (10), esse mesmo item lexical apresenta um significado relacionado à experiência mais sensorial e concreta do ato sexual, que prevalece em *fodião* e *fodiona* em (11) e (12).

Por último, *fodástico*, em (13), e *Fudêncio*, em (14), apontam para processos de formação de palavras bastante particulares e que não são comumente tratados no âmbito da MC, mas que são explorados em SCSH. Em *fodástico*, há um blend lexical entre *foda* e *fantástico* e, talvez, por isso, o significado seja, sempre, apreciativo nesse caso. Em *Fudêncio*, há a formação de um antropônimo. Embora a teoria tradicional dos estudos antroponímicos considere que o nome próprio não tem significado, no contexto em (14), há uma relação entre um sujeito homem que se fode (se dá mal) e o nome e esse significado que atenta para o gênero (nome de homem) deve aparecer na formulação do esquema¹⁵ que instancia nomes X-êncio (Hortêncio, Florêncio etc.).

Esse levantamento e análise de palavras a partir do verbo *foder* mostra que há a necessidade de que o modelo da MC considere as relações que se estabelecem entre as categorias derivadas de um mesmo input. Por ora, para o modelo, seria mais interessante considerar duas vias: (i) as relações individuais do item léxico *foder* com os seus derivados; e/ou (ii) as relações dos derivados com outros derivados com um mesmo elemento formativo; isto é, *fodião* estaria ligado a *chorão*, *comilão*, *falastrão*; *fodelança* a *matança*, *festança*, *andança*; *foderoso* a *cavernoso*, *pantansoso*, *monstruoso*, entre outras relações. Uma possibilidade de representação que talvez dê conta da família derivativa de *foder* está a seguir:

$$\langle [[\text{FODER}]_V \text{ X}]_V \leftrightarrow [\text{SEM X relacionado a foder}]_V \rangle$$

Essa representação é incomum no modelo da MC, uma vez que o que se explicita de maneira fixa não é o formativo sobre o qual se buscará uma generalização semântica de nível básico, e sim a base das construções. Também, são estranhos à MC a não explicitação da categoria lexical do produto e a imprecisão no significado da construção, o que, em parte, dificulta os processos de categorização.

Em linhas gerais, do ponto de vista morfológico, o estudo das construções mostra que a MC, em se tratando de descrição e interpretação do léxico, dá um passo importante, no que toca à aceitação da centralidade e dinamicidade do significado. No

¹⁵ Essa ideia foi explorada por Rodrigues (2016), que trabalhou com a formação de antropônimos neológicos no português brasileiro contemporâneo.

entanto, ainda, há carências de reflexões acerca de relações mais estreitas com outras teorias da LC, como a relação que está sendo explorada neste artigo, no âmbito MC com a SCSH. Isto posto, na próxima subseção, a fim de pensar nessas relações, enfoca-se a conexão intrínseca entre o significado da base e geração das novas categorias da família derivativa posta em destaque.

4.3.1 A construção semântica de novas categorias da família derivativa a partir da polissemia

Considerando que, em alguns casos, o significado da base é herdado na formação de novas categorias do léxico, como demonstrado na subseção antecedente, aqui, apresentam-se algumas reflexões sobre o papel do significado da base nessa herança. A categoria *foder* é polissemica, mas não é toda a rede semasiológica desta categoria que é projetada para que a família derivativa seja formada. Essas inovações são possíveis, na geração de novos itens do léxico, porque se aciona apenas uma parte dessa polissemia. Assim sendo, entende-se que *fodão* não é a simples soma de *foder* mais *-ão*, mas é uma emergência da linguagem, gerada, porque, por um lado, propriedades da polissemia de *foder* suprimidas e porque, por outro, apareceram novas propriedades antes não existentes, o que viabiliza o surgimento das novas categorias. O novo elemento categorial é, então, mais e menos do que a soma das suas partes, conforme preleciona o Princípio Sistêmico ou Organizacional da Teoria da Complexidade (MORIN, 2009) e como exposto por Almeida (2018b).

Com a finalidade de demonstrar com mais detalhes como o referido princípio funciona no âmbito da formação da família derivativa aqui posta em destaque, recorre-se ao item léxico *foda*. Para que sua formação tenha sido possível, foi necessário suprimir parte do corpo fônico da forma *foder* (-er) e do seu significado ('ação de copular'), além das questões atreladas ao sufixo nominalizador, por agora não abordadas. Isto é menos do que a soma das suas partes e é também mais do que a soma das suas partes, porque *foda* passa a ter um corpo fônico e semântico novo diferente do que existia em *foder*, e ambos são usados pragmática e discursivamente de modos diferentes, com compreensões sócio-históricas, da mesma maneira, diversas.

Além disso, vale destacar que, assim que geradas, essas inovações do sistema léxico linguageiro, no uso feito pelos falantes e escreventes nos variados atos comunicativos, já começam a participar da entropia caracterizadora da linguagem e, em alguns casos, começam gerar nova polissemia, a exemplo do que acontece como *foderoso* e *fodelança*, no corpus estudado.

Em algum momento da história do tempo presente – que não é possível indicar neste estudo, porque, para que um fenômeno se documente na escrita, ele já deve se fazer presente na fala por algum tempo e, também, porque se faz necessário pesquisar uma amostra maior da linguagem em uso – a ampliação da rede semasiológica da categoria *foder* possibilitou a geração de outras categorias do léxico, como vimos ao longo das linhas constituintes deste texto.

Para que essas inovações do léxico possam ter sido criadas e documentadas em cada interação discursiva coletada para formar o corpus do estudo empreendido, a cognição atua e seus mecanismos trabalham para que parte do conhecimento da categoria *foder* possa ser acionado para a atualização *on-line* dos sentidos e para que novas categorias possam ser elaboradas, de tal modo que ações e qualificações possam se efetivar em variados jogos da linguagem executados no dia a dia dos falantes e escreventes do português do Brasil, a partir de novas perspectivas morfo-léxica-semântica-pragmática-discursivas, antes desconhecidas. Então, alterações – mudanças e variações semânticas – no sentido da base, atuam, na criação morfológica, possibilitando a formação de novas categorias do léxico, que passarão a ser usadas em contextos específicos, com particularidades geo-sócio-históricas e pragmático-discursivas. Afinal, os membros da família derivativa *foder* não são usados em qualquer contexto, situação ou gênero textual e, naqueles que são usados, conhecem atualizações, típicas do uso *on-line* da linguagem.

Em síntese, a função da polissemia na formação dessa família derivativa pode ser vista no seguinte quadro que apresenta as partes acionadas do todo *foder*¹⁶ para a geração dos novos itens léxicos:

¹⁶ Estamos trabalhando com a hipótese de a metonímia atuar como elemento basilar para a formação de novos itens do léxico, a partir do acionamento de parte dos sentidos da base e também de parte dos sentidos do morfema, possibilitando o surgimento de novos itens, a partir de elementos da linguagem já existentes. Enfim, compreendemos a linguagem como um fractal que possui as propriedades de autossimilaridade e iteração, conforme postula Almeida (2020b) e Almeida e Santana (2019).

Quadro 1: interação da metonímia na criação das categorias derivadas de *foder*

Categoria	Ato sexual	Positivo/apreciativo	Negativo/depreciativo	Contexto de uso
Sentido				
Foda		X		(01)
			X	(02)
Fodinha		X		(03)
	X			(04)
Fodão		X		(05)
Fodona		X		(06)
		X		(07)
Foderoso			X	(08)
			X	(09)
Fodelença	X			(10)
Fodião	X			(11)
Fodiona	X			(12)
Fodástico		X		(13)
Fudêncio			X	(14)

Fonte: próprios autores

O quadro antes apresentado demonstra os sentidos da categoria *foder* que foram acionados para geração das novas categorias do léxico aqui destacadas e deixa explícito que, no corpus: 1) *foda*, *fodinha*, *fodão*, *foderoso* e *fodelença* são polissêmicos; 2) *foda* e *foderoso* são autoantonímicos; 3) *fodião*, *fodiona*, *fodástico* e *Fudêncio*, ao menos no corpus estudado, atuam como monossêmicos; 4) em *fodinha*, *fodelença*, *fodião* e *fodiona*, é projetado, metonimicamente, o sentido etimológico; 5) em *foda*, *fodinha*, *fodão*, *fodona*, *foderoso* e *fodástico*, é, metonimicamente, projetado o sentido avaliativo positivo/apreciativo e 6) em *foda*; *foderoso*; *fodelença* e *Fudêncio*, é projetado, metonimicamente, o sentido avaliativo negativo/depreciativo.

Concluídas as discussões acerca da presença da polissemia na criação dessas novas categorias do léxico, a seguir, serão aduzidas as últimas considerações, visando ao fechamento do artigo.

5 UM FIM PARA CONSTRUIR RECOMEÇOS

Constatou-se que a polissemia da base *foder* possibilita a formação da nova família derivativa, pois novas categorias dessa família herdam da base parte do seu significado. Averiguou-se que as novas categorias geradas com $[[\text{FODER}]_V [\text{X}]]_V$ podem ser, também, polissêmicas e autoantonímicas. Embora o sentido *positivo-melhorativo* ainda não encontre respaldo dicionarístico, esse sentido é usado pela comunidade linguística da variedade do português do Brasil, sendo produtor e se encontrando em plena vitalidade,

gerando novas categorias do léxico, como ficou demonstrado; também, o sentido *negativo-depreciativo* é comum e, da mesma forma, aparece em novas categorias desse léxico. Além disso, o estudo permitiu pensar que o sentido etimológico, se comparado ao *positivo-melhorativo*, talvez, esteja começando a conhecer menor uso. Mas tão somente a realização de outra pesquisa poderá melhor revelar seu comportamento em uso, já que esta averiguação não foi contemplada no estudo que ora se finda. Enfim, novas pesquisas, em particular, sobre a ação da metonímia nesse acionamento de sentidos polissêmicos para a geração de novos itens léxicos derivados, poderão revelar outros comportamentos do léxico não identificados, até o momento.

REFERÊNCIAS

A NÃO-RECIPROCIDADE é foda as vezes. [Brasil], 8 jul. 2016. Twitter: @Baximmc Disponível em: <https://twitter.com/Baximmc/status/751280697667530753>. Acesso em: 15 maio 2020.

ABID, A. H. *La (autoantonimia) al-dad en las lenguas, según la teoría “el esquema básico de la referencia”*. 2013. Disponível em: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/36626/1/ELUA_27_06.pdf. Acesso em: 16 abr. 2015.

ALMEIDA, A. A. D. A semântica sócio-histórico-cognitiva: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. In: SANTANA, N.; ALMEIDA, A. A. D. *Semântica cognitiva-sócio-histórica: estudos sobre o significado*. Salvador: EDUNEB, 2020a. p. 23-61.

ALMEIDA, A. A. D. A tessitura do conhecimento: o corpus na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. In: SOUZA, R.; BORGES, R.; ALMEIDA, I.; SOUZA, D. *Filologia me diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador-BA: ArteMemória, 2020b. p. 148-184.

ALMEIDA, A. A. D. Conceptualizações da ação sexual na Idade Média: revelações das cantigas de escárnio e maldizer. In: RODRÍGUEZ, D.; LOPES, M. (org.). *Galícia doutro lado do Atlântico: estudos galegos na Bahia*. Salvador: Ponte Atlântica, 2018a. p. 61-86.

ALMEIDA, A. A. D. Emergências do léxico, emoção e construção de sentidos: um estudo sobre xerecua. In: SANTOS, E. S. dos; ALMEIDA, A. A. D.; SIMÕES NETO, N. A. *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos*. Salvador: EDUNEB, 2018b. p. 27-48.

ALMEIDA, A. A. D.. Para além de palavras, construção de sentidos no ato de ler: complexidade e cognição. In: SILVA, S. B. B. da; PEREIRA, J. N. *Língua Portuguesa e literatura no livro didático: desafios e perspectivas*. Campinas-SP: Pontes, 2018c. p. 106-123.

ALMEIDA, A. A. D. Histórias sobre as redes de significação do item léxico foda à luz do sociocognitivismo. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016. p 13-46..

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli*, v. 8, n. 2, p. 136-157, jul.-dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/download/1932/1411>. Acesso em: 02 set. 2020.

ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, N. M. O. A semântica cognitiva sócio-histórico-cultural: questões epistemológicas. In: LOPES, N.; SANTOS, E.; CARVALHO, C. *Língua e sociedade: diferentes perspectivas, fim comum*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 113-132. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580394016-434/list#undefined>. Acesso em: 28 out. 2020.

ARIZA, M. *Insulte usted sabiendo lo que dice y otros estudios sobre el léxico*. Madrid: Arco Libros, 2008.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Mit Press, 1976.

- AULETE, C. *Aulete digital*. 2013. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/foda#ixzz2O1jhHwuO> Acesso em outubro de 2015.
- BATEU uma vontade de assistir o desenho do Fudêncio. [Brasil], 1 jun. 2015. Twitter: @LuizV_Araujo. Disponível em: https://twitter.com/LuizV_Araujo/status/605537651026984960. Acesso em: 15 maio 2020.
- BATORÉO, H. J. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Caloust Gulbeikian, 2000.
- BECHARA, E. C. (org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Inheritance and motivation in Construction Morphology. In: GISBORNE, N.; HIPPISEY, A. (ed.). *Defaults in morphological theory*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 18-39.
- BUENO, F. da S. *Grande Dicionário Etimológico – Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Linguística cognitiva*. Madrid: Akal, 2008.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Verbetes 'barril'. 2008-. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/barril/>. Acesso em: 06 maio 2022.
- E DEPOIS (ou foi antes?), vi o clipe na MTV, extremamente foderoso. [Brasil], 15 maio. 2020. Twitter: @tuitdosantinha. Disponível em: <https://twitter.com/tuitdosantinha/status/1261370439122644993>. Acesso em: 15 maio 2020.
- E NÃO podia faltar a voz mais foda que esse mundo já produziu. [Brasil], 8 jul. 2016. Twitter: @lucasfresno. Disponível em: <https://twitter.com/lucasfresno/status/751261246960304128>. Acesso em: 15 maio 2020.
- E OUTRA eu nao pago de fodona nao filha, eu vim fazer a Paz e voce vem paga de abusadinha. Mais fazer oque ne. 31 ago. 2016. Twitter: @sabrinentura. Disponível em: <https://twitter.com/sabrinentura/status/771060019609600000>. Acesso em: 15 maio 2020.
- ESSE tempo ta pedindo uma fodelança daquelas. [Brasil], 24 jun. 2016. Twitter: @MoraeMoraes. Disponível em: <https://twitter.com/MoraeMoraes/status/746178453561540608>. Acesso em: 15 maio 2020.
- FARIA, A. L. *Motivações morfossemânticas das construções compostas N-N do português brasileiro*. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. 6. tir. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.
- HOUAISS, A. *Grande dicionário Houaiss Beta da Língua portuguesa*. 2013. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=foda>. Acesso em: 15 out. 2015.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press., 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. USA, The University of Chicago, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. I, Theoretical Prerequisites, Stanford/California: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Cognitive Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford os Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2007. p. 421-462.

LÉO SANTANA traduz giria baiana; você sabe o que é barril?, Gshow, 11 maio 2018. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/altas-horas/noticia/leo-santana-traduz-giria-baiana-voce-sabe-o-que-e-barril.ghtml>. Acesso em: 08 dez. 2020.

LOPES, M. dos S. Um olhar semanticocêntrico sobre a prefixação em um documento português do século XIV. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. dos. (org.). *Linguagens e cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 229-259.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: "ouvir o inaudível"*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MICAHËLIS, *Dicionário de português online*. 2013. Disponível em: http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/foda%20_967393.html. Acesso em: 10 out. 2015.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.

NÃO ERA ele o *fodião* da roça e 'comia' todas as cabritas?! Talvez comeu um cabrito tb, não dá pra saber. O que tem de mau um adolescente se masturbar?. [Brasil], 29 abril. 2020. Twitter: @MelniboneElricc. Disponível em: <https://twitter.com/MelniboneElricc/status/1255681111910428673>. Acesso em: 10 dez. 2020.

NEM o mínimo de empatia, que seja, o cara se esforça pra transmitir ... só faz contribuir pra fodelança da saúde mental, mais nada. [Brasil], 8 maio. 2020. Twitter: @inacioet. Disponível em: <https://twitter.com/inacioet/status/1258616366309027843>. Acesso em: 15 maio 2020.

NOSSA n da pra gostar de homem q quer pagar de fodão o tempo todo. [Brasil], 15 maio. 2020. Twitter: @eloisagntt. Disponível em: <https://twitter.com/eloisargntt/status/1261473458535510017>. Acesso em: 15 maio 2020.

O DVD está tão fodastico ! Vcs vão babar muito por ele. Eu tô nas nuvens. [Brasil], 6 jul. 2016. Twitter: @ivetesangalo. Disponível em: <https://twitter.com/ivetesangalo/status/750796671592886272>. Acesso em: 15 mai. 2020.

OLHA a teoria daquela mulher '*fodiona*' daqui do Twitter, que dizia que pra fuder bem e gostoso vc precisaria ter vários parceiros TA ERRADA. [Brasil], 24 setembro. 2020. Twitter: @Itmov. Disponível em: <https://twitter.com/Itmov/status/1309138212829499392>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PAIVA, V. L. M. de O. e. Língua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016.

PAIVA, V. L. M. de O. e; CORRÊA, I. Sistema adaptativos complexos: uma entrevista com Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016.

PASSA um trabalho foderoso valendo décimos e ainda tira décimo do décimo vá se lascar viu. [Brasil], 18 setembro. 2019. Twitter: @brunafsouza__. Disponível em: https://twitter.com/brunafsouza_/status/1174272726170853379. Acesso em: 15 maio 2020.

PENSANDO nas fodinha q nois ainda nao teve. [Brasil], 7 jul. 2016. Twitter: @mandellivaleria Disponível em: <https://twitter.com/mandellivaleria/status/751224192817913857>. Acesso em: 15 maio 2020.

PINTO, L. M, da S. *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva. 1832. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/diccionario/>. Acesso em: 05 ago. 2015.

PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1996.

RODRIGUES, L. S. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, E. S. dos; LINS, H. A. 'O verbo foder sob um olhar cognitivista'. In: ALMEIDA, A. A. D. A.; SANTOS, E. S. dos. *Linguagens e Cognição*. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 47-73.

SCRACHO é bem fodinha né, pena que eu to curtindo só agora. [Brasil], 8 jul. 2016. Twitter: @saberbpc Disponível em: <https://twitter.com/saberbpc/status/751261005812867074>. Acesso em: 15 maio 2020.

SILVA, A. S. da. *Mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra, Almedina, 2006.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formas X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 655 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras Vernáculas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. 2 tomos.

TALMY, L. Figure and ground in complex sentences. In: GREENBERG, J. (ed.). *Universals of Human Language*, vol. 4. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 625-649.

TALMY, L. How language structures space. In: PICK, H. ; ACREDOLO, L. (ed). *Spatial Orientation: theory, research, and application*. New York: Plenum Press, 1983. p. 225-282.

TEIXEIRA, J. de S. Quando um verbo é antónimo de si mesmo: cognição e estrutura lexical de *levantar*. 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/18612>. Acesso em: junho de 2015.

TERRA, E. *A origem da foda*. 2020. Disponível em: <https://www.ernaniterra.com.br/a-origem-da-foda/>. Acesso em: 10 maio 2020.



Recebido em 28/07/2020. Aceito em 2/01/2021.